



A maldição do vocabulário secreto¹

Ana Cecília Carvalho*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil
anacdecarvalho@gmail.com

Encantada com um prato que foi servido numa comemoração, minha amiga Riva foi pedir a receita ao *chef*. Olhando para ela com um olhar de absoluto desdém, ele disse: “É muito fácil. Primeiro você deve estrugir a cebola; em seguida, salteie a carne já lardeada e maceada.”

Se ela entendeu? Claro que não. Mas antes que ela pudesse ao menos perguntar que língua era aquela que ele estava falando, o homem desapareceu atrás das prateleiras de aço inoxidável cheias de panelas *Le Crosset* da sua cozinha digital, deixando-a perplexa.

“Estrugir”, “saltear”, “lardear” e “macear”, apesar de soarem portuguesas, até mesmo lusitanas, não pertencem ao nosso vocabulário comum. Por que alguém as usaria para ensinar uma receita? Riva acha que é pura enrolação. E acho que ela está certa.

Durante toda a minha vida acadêmica, assisti a palestras em congressos, simpósios e mesas redondas, em muitos dos quais eu tive de participar. Em se tratando de um encontro sobre psicanálise, sobretudo de uns anos para cá, tenho ficado cada vez mais intrigada com o vocabulário hermético utilizado por meus colegas. Por mais treinado que tenha ficado meu ouvido, acostumado ao jargão psicanalítico, tem acontecido com grande frequência que, nesses eventos, eu simplesmente não consiga entender nada do que está sendo exposto. Não apenas as palavras soam como se fossem traduções malfeitas de uma língua estrangeira, como, também, as formulações gráficas e matemáticas empregadas, além de não terem nada a ver com a psicanálise ou com que os pacientes falam, mais complicam do que descrevem claramente as coisas. É verdade que toda ciência tem um vocabulário que permite compartilhar o conhecimento adquirido em seu campo. Isso acontece na química, física, na matemática, na ciência da computação, na medicina e na biologia. No campo das ciências humanas, no qual a psicologia e a psicanálise se incluem, não existe razão para isso ser diferente. Contudo, às vezes fico com a impressão de que certas comunicações incompreensíveis não têm a intenção de transmitir ou produzir

¹ Publicado, originalmente, em *O livro neurótico de receitas*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte&Prosa, 2012. p. 140-141.

* Escritora, psicanalista e Professora Aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais.



conhecimento, mas sim de promover uma espécie de mistificação, em qualquer área, da gastronomia à psicanálise. Lamentavelmente, aqueles que se expressam de modo incompreensível talvez acreditem que, intimidando o interlocutor por meio de uma fala rebuscada, vão fazê-lo desistir de perguntar sobre a pertinência das ideias, que ficarão, assim, imunes a uma saudável verificação. Por que fariam isso? Só pode ser porque pensam que o conhecimento e o saber são uma espécie de propriedade particular e, como tal, têm donos, que são uns poucos privilegiados, enquanto nós, reles mortais, permanecemos na ignorância.

Querido leitor, você está certíssimo se tiver a impressão de que este capítulo se parece com um manifesto contra o elitismo e o monopólio das ideias. Esta é justamente a minha intenção, aqui. É esta a mesma intenção que me fez evitar, ao longo de todo este livro, o uso de certos termos complicados do vocabulário gastronômico. Optei por substituir palavras tais como “estrugir”, “lardear”, “macear” e “saltear” (que alguns pronunciam com ou sem sotaque, mas sempre com um quê de arrogância) e, em vez delas, apenas descrevi os processos culinários por intermédio de outras palavras do vocabulário comum: refogar, rechear, deixar de molho, corar rapidamente em óleo quente etc.

Na gastronomia, assim como na psicanálise, a clareza é uma virtude.

Recebido em: 23/04/2023.

Aprovado em: 28/04/2023.